

# TÚNEIS DO TEMPO

Galeria subterrânea de Xaxim, produto da megafauna regional

**Valdirene Chitolina**



## PREFÁCIO

Galerias subterrâneas sempre estão envoltas em mistérios. O desconhecido, a escuridão, a insegurança ao adentrar aquele espaço, as perguntas sobre sua origem, os questionamentos sobre seus propósitos, as dúvidas sobre seus usos e sobre os personagens que ali estiveram – galerias subterrâneas fazem voar a imaginação e a curiosidade.

Não podia ser diferente com a galeria subterrânea encontrada em Xaxim. Um túnel inicialmente baixo, úmido e barrento, que se bifurca, onde dá para ficar em pé...

quem poderia ser o autor? Qual seria a sua idade? Porque foi escavado? Subitamente surge um elemento desconhecido em pleno perímetro urbano, ao lado do acesso à cidade. Como sempre nestes casos, a descoberta do túnel faz surgir inicialmente uma curiosidade das pessoas, algumas das quais entram, mas, com o passar dos anos, a estrutura fica lá, escondida e esquecida.

O resgate das informações sobre a galeria subterrânea de Xaxim é apresentado aqui pela historiadora Valdirene Chitolina, em um precioso compêndio que reúne em um texto de fácil leitura tanto os depoimentos de quem encontrou a galeria como daqueles que a adentraram.

Tão importante quanto à descoberta da galeria é a sua interpretação. Nos dias atuais, graças a um trabalho de pesquisa de mais de 10 anos sobre estas galerias, podemos avançar um pouco mais no entendimento sobre “quem cavou”, “quando cavou”, “para que cavou” e outros dados. Muitos detalhes continuam ignorados, muitos talvez nunca venhamos a descobrir. Valdirene aborda estes aspectos, ilustra quando possível e nos faz entender o contexto desta galeria. Livros como este fazem a “ponte” indispensável e essencial entre os artigos científicos de termos técnicos e em língua estrangeira e o grande público, que busca a informação em linguagem coloquial.

A leitura do livro nos remete a algo improvável – subitamente estamos sendo confrontados com um sítio paleontológico. É como se um dinossauro subitamente entrasse no nosso quintal. A Paleontologia deixa de ser a imagem de um osso encontrado em terras distantes para se tornar algo muito palpável, bem ali na frente dos nossos olhos. E somos lembrados, com absoluta clareza, que em Xaxim havia, até bem pouco tempo atrás, animais enormes de várias espécies diferentes como nunca antes tínhamos imaginado. Valdirene tem o mérito de nos trazer esta imagem de forma muito concreta e nos instiga a descobrir mais sobre estes animais e a galeria subterrânea de Xaxim.

Porto Alegre, 22 de outubro de 2014.

Prof. **Heinrich Frank**

Instituto de Geociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## INTRODUÇÃO

A galeria subterrânea de Xaxim, na contemporaneidade denominada de *paleotoca*, ao que tudo indica foi abrigo de animais pré-históricos. Ela é herança de um passado distante, é um patrimônio que apela por um olhar mais astuto, em virtude de ser um lugar dotado de expressivo valor para a Paleontologia do sul do Brasil. Portanto, estudá-la significa adentrar em um universo ainda desconhecido pela população da região. Para tanto, adotar-se-ão como meios técnicos as pesquisas bibliográfica, documental, de campo e a história oral.

O estudo também se justifica pelo benefício cultural ao possibilitar o registro de novos conhecimentos. Essa galeria consiste em um bem vinculado à identidade da comunidade xaxinense, que abriga em seu território esses “túneis do tempo”. Outra razão é o ganho social que ela representa, porque beneficiará especialmente estudantes, gestores, produtores culturais, professores, entre outros profissionais que serão os disseminadores dos conhecimentos relacionados a esse sítio paleontológico. Assim, serão promovidas ações de conscientização, de valorização e de preservação.

Em uma pretensão mais ousada, e dicas para o futuro, citam-se como benefícios econômicos o fato de que este livro poderá ser utilizado pelos guias turísticos e pela Secretaria de Turismo do município. Utilizando palavras de Heinrich Frank: “a galeria passa de simples ‘gruta’ ou ‘furna’ para um objeto inserido em um contexto definido, diversificado e instigante”.

Além das justificativas apresentadas, existe o objetivo de mapear e registrar dados referentes à galeria xaxinense. No texto, comparam-se as informações sobre a engenharia da galeria subterrânea com aquelas de outras regiões do País. Também se apresenta a opinião de diversos pesquisadores sobre o tema supracitado.

Ainda, entrevistam-se pessoas que têm em seu imaginário a experiência de se aventurar a explorar e registrar os primeiros estudos da paleotoca, com a finalidade de valorizar as lembranças relacionadas a esse patrimônio no seio da comunidade.

A primeira parte do livro apresenta a transcrição e interpretação de uma correspondência emitida em 1987, por Rossano Lopes Bastos, arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). A carta informa o resultado da pesquisa sobre a galeria subterrânea de Xaxim. Nela há comparações com outras

galerias, localizadas em Urubici, e que foram estudadas pelo padre João Alfredo Rohr<sup>1</sup>, além de registros sobre o diâmetro dos túneis e desenhos que permitem vislumbrar o seu formato.

Adiante, expõem-se características morfológicas da galeria subterrânea de Xaxim, com base na Ficha de Registro de Sítio Arqueológico do (IPHAN), conforme o Decreto n. 2.807, de 21 de outubro de 1998.

Também, compara-se a galeria de Xaxim com as de Bom Retiro e Urubici, de acordo com a obra *Documents pour la prehistoire du Bresil Meridional*, de Walter Piazza e André Prous, publicada em 1977, em Paris.

Ao longo de muitos anos, deduziu-se que a galeria subterrânea de Xaxim fosse uma formação natural ou trabalho de engenharia indígena. Porém, há um novo olhar, lançado pelos professores Heinrich Frank, Francisco Buchmann e Felipe Caron, do “Projeto Paleotocas”, que defendem a ideia de que a galeria seja uma paleotoca. Dessa forma, com o apoio desses profissionais, apresenta-se nesta pesquisa um enfoque singular sobre esses testemunhos do tempo: as paleotocas.

Além disso, expõem-se as contribuições registradas pelo “Projeto Paleotocas”, por exemplo, a metodologia utilizada para se estudar uma paleotoca; o que há dentro de uma paleotoca; as estruturas subterrâneas em outros países; os cuidados que se deve tomar ao entrar em uma paleotoca; os animais que cavaram as paleotocas; a idade dos abrigos subterrâneos e a legislação que ampara esses sítios paleontológicos.

---

<sup>1</sup> Padre jesuíta, professor e arqueólogo. Sua obra, constituída pelo levantamento sistemático de sítios arqueológicos em Santa Catarina, é o mais extenso ocorrido na arqueologia catarinense, totalizando cerca de 400 sítios registrados. (REIS, Maria José; FOSSARI, Tereza Domitila. *Arqueologia e preservação do patrimônio cultural: a contribuição do Pe. João Alfredo Rohr. Cadernos do CEOM*, Políticas públicas: memórias e experiências, Chapecó: Argos, ano 22, n. 30, 2009.

## CONCLUSÃO

Em vista dos argumentos apresentados na pesquisa, conclui-se que a galeria subterrânea denominada de paleotoca, existente no centro da cidade de Xaxim, na Avenida Plínio Arlindo de Nes, é dotada de um expressivo valor nos campos da Paleontologia, Biologia, Turismo e Espeleologia da região oeste de Santa Catarina.

Sobre a origem da galeria subterrânea de Xaxim, percebeu-se que ao longo do tempo constituíram-se três ideias diferentes. Uma dessas ideias sugere que “supostamente” teria sido um trabalho de engenharia indígena; a outra, uma formação natural; e, finalmente, a mais recente e apoiada em evidências científicas, de que se trata de uma paleotoca.

Mediante os estudos realizados em 1987 por Rossano Lopes Bastos, do IPHAN, constatou-se que a galeria subterrânea de Xaxim, situada em uma lomba, estava destruída em um terço e que não havia fragmentos cerâmicos, líticos ou de sepultamentos. Nas paredes existiam sinais de picareta e de cavadeira pectiforme. Havia um corredor principal e dois braços laterais. Tal galeria se assemelhava às outras existentes na localidade de João Paulo, município de Bom Retiro, e em Urubici (SC) – mas também estavam dispersas nos planaltos rio-grandenses e paranaenses.

Referindo-se à galeria subterrânea de Xaxim, conforme Rossano Lopes Bastos documentou, com base no “mapinha” de Eduardo Lunardi, a largura dos túneis fica em torno de 1,10m a 1,60m. A altura entre 90cm e 1,25m. E a distância da entrada aos pontos: “A”, 12m; “B”, 19,50m; “C”, 29,40m; “D”, 29,65; e o túnel “E”, 30,40m. Na parte em que os túneis se encontram, o perímetro é de 9,42m.

Notou-se que, em 1977, foi publicada em Paris, por Walter Piazza e André Prous, a obra *Documents pour la prehistoire du Bresil Meridional*, referente às galerias subterrâneas de Bom Retiro e Urubici. Ao comparar o texto em francês com a correspondência remetida em 1º de julho de 1987, por Rossano Lopes Bastos, ao diretor do SPHAN, Luiz Antônio V. Custódio, observaram-se algumas semelhanças e diferenças entre a galeria de Xaxim, Bom Retiro e Urubici: possuem dezenas de metros de comprimento, ramificações, múltiplas saídas, ou salas; o formato cilíndrico é idêntico; na galeria de Xaxim não foram encontrados fragmentos cerâmicos, pinturas

rupestres, associações com casas subterrâneas, diferentemente daquelas de Bom Retiro e Urubici; há a hipótese de que as galerias serviam para refúgio.

Percebeu-se que, para alguns autores, na galeria xaxinense, como não foram encontrados vestígios arqueológicos de ocupação humana, existe uma remota possibilidade de que seja uma formação natural. Entretanto, para Marco Aurélio Nadal De Masi, a forma de construção é claramente escavada. Para o arqueólogo, a galeria ainda poderia ter a função de abrigo de defesa, habitação, local de cerimonial, para estocagem ou usada como armadilha.

Considerada patrimônio da União, a galeria subterrânea de Xaxim está protegida pela Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961. Ela foi cadastrada na Ficha de Registro de Sítio Arqueológico, do Instituto Histórico e Artístico Nacional, órgão vinculado ao Ministério da Cultura. Entretanto, pelo fato de não se tratar de um sítio arqueológico, há outra legislação que rege esses locais, conforme este endereço eletrônico: <[www.sbpbrasil.org](http://www.sbpbrasil.org)>.

Por outro lado, o caso das paleotocas é pouco visado pela legislação brasileira. Portanto, a conscientização e sensibilização da população sobre o valor científico do lugar, a fiscalização do Poder Público e, especialmente, estrutura de proteção são importantes para a garantia de conservação da galeria subterrânea, que sofre naturalmente um processo de destruição.

Observou-se, também, que, em várias cidades do sul do Brasil galerias subterrâneas, idênticas à de Xaxim, são consideradas paleotocas. Elas são estudadas por uma nova linha da Paleontologia, por meio de atividades de campo e de laboratório, pelo grupo de professores que integram o “Projeto Paleotocas.

Dado o exposto pelo Projeto Paleotocas, galerias subterrâneas semelhantes à de Xaxim são encontradas no Brasil nos planaltos paulista, paranaense, catarinense e rio-grandense. No exterior, na Argentina e no Chile. Porém, não são encontradas na América do Norte, na Europa ou na África. Na atualidade, na fauna sul-americana, não existem animais que cavem túneis com as dimensões das paleotocas existentes.

Concluiu-se, com base na entrevista com o professor Frank, que a galeria xaxinense é uma paleotoca. Ou seja, um abrigo subterrâneo escavado e habitado por animais pré-históricos. Essas galerias eram locais de moradia permanente de paleovertebrados da megafauna pleistocênica sul-americana, extintos há, aproximadamente, 10 mil anos. Esses abrigos tinham entradas, saídas, rotas de fuga, respiradouros e outras comunicações com a superfície.

No caso da galeria xaxinense, seria uma manada de preguiças gigantes que teria escavado e habitado o local. Para Frank, seria esse o animal escavador pelo fato de a galeria medir mais de um metro de largura, e na natureza os animais não cavam túneis maiores que seu próprio tamanho.

Viu-se, por meio da pesquisa bibliográfica, que entre os pesquisadores do Projeto Paleotocas há divergências sobre a idade dessas galerias; o consenso é de que devem ser inferiores a 500 mil anos. Há autores que acreditam que elas datam de milhões de anos; e outros, em que Frank se inclui que acreditam que elas são relativamente recentes (menos de 100 mil anos). Porém, sempre mais antigas que 10 mil anos.

Com o auxílio do professor Frank, identificou-se que a paleotoca de Xaxim foi escavada num material argiloso friável com hidróxidos de ferro vermelhos – esse tipo de material é muito comum e não permite maiores detalhes. Pela geologia de Xaxim, é alteração de rocha vulcânica, talvez com alguma movimentação como escorregamento. Então, dá para classificar como eluvião ou coluvião.

Observou-se que a paleotoca xaxinense está localizada num topo, próxima da superfície, com a entrada do túnel bem visível, porém, nos primeiros metros é necessário andar agachado e, adiante é possível caminhar em pé. Há sedimentos cobrindo o piso original. Não se apresentam colapsos no teto. O formato é cilíndrico e a estrutura lembra uma cruz. Os túneis, com seus aclives e declives, não são retos; eles se encontram e formam uma “sala”. No interior não foram encontrados fósseis, o que impede a identificação exata do escavador.

Notou-se que a paleotoca de Xaxim está preservada, porém, de acordo com o que é indicado pelo Projeto Paleotocas, é importante se preocupar, ao entrar, para que o teto não rache e desabe. Além disso, há que se tomar cuidado pelos riscos de desmoronamento e nunca entrar sozinho, pois pode ser mortal, em curto ou médio prazo, em virtude da poeira de fezes secas de morcegos, ou polens de fungos tóxicos que infectam os pulmões. Ainda, os membros do Projeto Paleotocas alertam para outros cuidados necessários ao entrar numa paleotoca: contar com socorro imediato, utilizar máscaras cirúrgicas e estar sempre acompanhado.

Esses “túneis do tempo”, que seguem seu curso ao longo de milhares de anos, preservam um legado que entrelaça o passado e o presente, o homem e a natureza. Os humanos constroem suas moradias, assim como os animais, em busca de segurança, de abrigo; animais extintos cavaram as paleotocas, seu habitat. Todavia, eles

desapareceram. O que é possível compreender com isso? Qual é o “fosso” que separa a construção das paleotocas e a contemporaneidade?

Na busca de algumas respostas, muitas informações foram negligenciadas nesta singela pesquisa. Porém, percebeu-se que as paleotocas têm um “horizonte de verdades”<sup>2</sup> para diversas áreas do conhecimento. Desbravar essa história, que começou muito antes de nossas vidas, representa, metaforicamente, uma entre tantas “chaves” para se entender e respeitar o processo de evolução da vida na Terra.

---

<sup>2</sup>

Utilizando um termo de Jacques Lê Goff, 2003.